

Considerações finais

O encerramento desse percurso parece apontar para perguntas corriqueiras que se fazem aos historiadores — Quem foi Donatien de Sade? e o que ele pensava? — como se o trajeto conjurasse uma resposta pelo próprio esforço que fizemos em identificar em Sade um percurso de formação intelectual. Porém, não caberia tentar sintetizar aqui as múltiplas linhas de força que buscamos apontar como parte desse processo de composição do autor e dispositivo Sade. Se algumas observações são válidas, essas se justificam por elucidarem o que até aqui foi contornado e cercado, embora raramente enunciado de forma direta.

Ao perseguirmos a ideia de identificar as imagens discursivas de Sade, delineamos, primeiramente, as diversas conformações do discurso obsceno, buscando apontar a irredutibilidade de um regime discursivo a outro. Os vazios multiplicados entre os enunciados relacionados ao erotismo, à pornografia e à libertinagem, conforme eram vistos na França a partir do século XVI, não nos permitem equacionar sinteticamente a diversidade dessa trama, sem que isso resulte num apagamento e homogeneização das disputas sociais que, tomando o corpo como motivo, o atravessam em projetos disciplinares e de controle.

Assim, se a escrita evitou as equações de igualdade, isso se deveu à compreensão da História como processo conflituoso, de disputas sociais e de diferenciação. A noção de que o universo humano é atravessado pelos discursos e

de que esses são raros é essencial à compreensão dessas relações disciplinares e de controle. Seria equivocado buscar afirmar artificialmente semelhanças de sinonímia entre verbetes, ainda mais quando entendemos que os regimes discursivos multiplicam-se em enunciações que estão muito além de simples formas de se referir ao corpo em seus sentidos sexuais.

De igual maneira, não nos parece possível tomar Sade em suas múltiplas referências sem que isso resultasse em alterações suficientes na compreensão de seu pensamento. Constituídas as linhas de forças de um Marquês de Sade maldito ou divino, de tratá-lo como uma referência em desvios sexuais ou de tê-lo como ícone de movimentos artísticos e políticos, retomar os processos dessa diversidade e da trajetória de vida de Donatien de Sade (1740-1814) parece, se não um antídoto contra as leituras simplistas, ao menos um argumento que nega o consumo e busca lidar com o seu pensamento segundo sua emergência.

Por muito tempo delineou-se uma relação de continuidade, e mesmo de parentesco direto, entre Sade e Freud e entre Sade e Georges Bataille, como se houvesse no século XVIII uma preparação para que o inconsciente emergisse. Acreditamos ser essencial separar uns e outro, pelo menos nessa relação que terminou por subjugar Donatien de Sade ao papel de precursor. Freud e Bataille poderiam eleger-lo ou tomar-lhe como fonte de leitura e inspiração, mas nem por isso haveria as mesmas enunciações nem semelhantes interesses entre eles.

Contra essa tendência de perceber em Donatien de Sade um pensamento com sentido a ser realizado no futuro, buscamos pesquisar suas bibliotecas como um suporte a essa leitura atenta ao pensamento em suas múltiplas combinações. Ela também serviu como ponto de partida para perceber as formas da emergência do pensamento de Sade e suas escolhas intelectuais. Esperamos ter deixado clara a

noção de que biblioteca era um conceito, um dispositivo desse reservatório que os sujeitos retomam para organizar o pensamento e brincar com os sentidos de criar o mundo e interpretá-lo. Desse modo, mais do que um conjunto de livros, trata-se de um acervo linguístico, discursivo, de pensamento e de práticas sociais com os quais Donatien de Sade dialogou e se constituiu em intérprete de seu tempo.

O caminho seguido foi, primeiramente, o mesmo que tem sido delineado pelos parâmetros da disciplina. Algumas estratégias até já se evidenciam em decadência, como a análise comparativa e a tentativa de apresentar um perfil intelectual com análises mais sistemáticas de dados. O tempo agora é outro, menos quantitativo, mais próximo à antropologia no que ela tem de etnografia e de coletânea de casos multiplicados.

Em segundo lugar, o esforço foi o de perceber as curvas de composição do pensamento em sua elaboração mais imediata, aquela que se marca pelas formas de expressão e que encontram como fronteira os próprios limites do dizer. Novamente o esforço da multiplicação parece ter ganhado ênfase, como se o argumento se desdobrasse e ao mesmo tempo, enrolasse em si mesmo e se projetasse ao passado. De forma geral, era justamente esses os vetores de nosso esforço: devolver Donatien de Sade ao seu tempo e em sua emergência, pelo delineamento de um pensamento composto por matrizes discursivas que mesmo em seu tempo, rapidamente iam se decompondo. Talvez já pareça tolo afirmar que essa era a ideia central de nosso empreendimento, como uma proposta de mostrar Sade de ponta-cabeça — não em relação ao seu tempo, mas ao sentido que lhe foi sendo incorporado como bastião de uma modernidade que, elegendo-o como patrono, roubaram-no à alma com uma promessa de riqueza, mas sem contar com o banimento que lhe proporcionavam.

Devolvidos seus contornos, o balanço final tornou-se, então, apenas um novo ponto de partida, que revela os limites da própria pesquisa feita. É necessário investimento para pensar nos impactos dessa forma de argumento irresolúvel e pensar como essa dinâmica da escrita como fluxo, à moda do teatro, funciona em diálogo com a noção de circunstância na constituição da verdade temporária. De igual maneira, uma análise formal, presa à linguagem, ao cruzamento de verbetes e conceitos, poderia mostrar esses traços de uma cultura em longa duração. Por hora, é possível afirmar apenas que, no limiar da modernidade, Donatien de Sade nem nos prenunciou nem imaginou nossas mazelas. Sua grandeza estava justamente posta em outro sentido, o de nos indicar as perdas, os caminhos irrecuperáveis, as aberturas de possibilidades, o caráter circunstancial das verdades.